

Heterogeneidades enunciativas e marcas linguísticas da interpretação psicanalítica

Mariza Angélica Paiva Brito*
Mônica Magalhães Cavalcante**

Resumo

Tem-se como objetivo analisar, por meio dos processos interpretativos, as marcas linguísticas do atravessamento do “outro” no fio discursivo, tomando como critérios as heterogeneidades definidas por Authier-Revuz (1982) como constitutiva e mostrada, subdividindo em mostrada marcada e mostrada não marcada. Para argumentar em favor dessa “abertura” para uma outra cena discursiva, recorreu-se a processos de referência, que podem desempenhar o papel de eficientes marcadores discursivos, sem que, para tanto, precisem vir acompanhados de indicadores formais. Pretende-se, pela análise da cadeia significativa, analisar não apenas a construção de significados, como afirmava Lacan (1990), mas também, e necessariamente, a elaboração de referentes. Utilizou-se como exemplário a interação das novas formas de comunicação que se realizam por meio da mídia eletrônica.

Palavras-chave: Heterogeneidade. Referência. Inconsciente.

Introdução

Fizemos uma releitura crítica da teoria da heterogeneidade enunciativa, instituída por Authier-Revuz (1982), definida da seguinte maneira: heterogeneidade constitutiva e heterogeneidade mostrada, esta se subdividindo em *mostrada marcada* e *mostrada não marcada*. Travamos uma discussão em torno do esquema proposto pela autora, com vistas a repensar a discretização das modalidades de heterogeneidade constitutiva, a saber, a constitutiva, em oposição à mostrada, com vistas

* Bolsita PNPd/CAPES/, Pesquisadora do Protexto - Grupo de Pesquisa em Linguística da UFC, Doutora e Mestre em Linguística. E-mail: marizabrito02@gmail.com

** Professora da UFC, Líder do Protexto - Grupo de Pesquisa em Linguística da UFC. E-mail: monicamc02@gmail.com

Data de submissão: mar. 2013 – Data de aceite: ago. 2013

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v9i2.3856>

a cumprir nosso objetivo precípua, o de incluir fenômenos de natureza não estritamente formal entre os fatos de linguagem não marcados, como é o caso do atravessamento do inconsciente no fio discursivo, ampliando, assim, um conjunto de marcações.

Heterogeneidades enunciativas

Authier-Revuz privilegia a dimensão do heterogêneo na enunciação sob dois planos: o dos fatos de heterogeneidade, nas realizações linguísticas, e o da heterogeneidade teórica, que afeta necessariamente o campo enunciativo. Essa autora afirma: “entendo, dessa forma, o inevitável não fechamento do linguístico sobre ele mesmo no sentido formal, que proíbe falar de enunciação sem se apoiar – quer isso seja dito explicitamente ou não – em teorizações exteriores, particularmente sobre o sujeito.” (1982, p. 173)

Em seu artigo de 1982, a autora elabora as duas maneiras pelas quais podem ser apresentadas a alteridade no discurso: heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva. A primeira é linguisticamente descritível, como o discurso indireto, as aspas, as glosas etc., o seu uso contesta a homogeneidade do discurso, mostrando o outro em sua linearidade. Diferentemente, a heterogeneidade constitutiva, não marcada em sua superfície, é um princípio que fundamenta a própria natureza da linguagem, ou seja, é constitutivo da língua, é um

princípio da linguagem e não pode ser abordado diretamente, pois não há materialidade de sua existência abstrata.

Authier-Revuz elabora duas maneiras de a heterogeneidade mostrar-se na enunciação:

1. por meio da heterogeneidade marcada mostrada e
2. por meio da heterogeneidade mostrada não marcada.

Fonseca (2007) reconhece que a linguagem emerge num ambiente não um e assume que há, na enunciação, marcas linguísticas observáveis desse fenômeno que Authier-Revuz (1990) denominou de heterogeneidade enunciativa. Essa linguista investigou as formas de heterogeneidade nas mais diversas configurações e nos mais diversificados níveis de análise, caracterizando o que chamou de metaenunciação reflexiva, que aparece no fio do discurso, na linearidade sintática, como um momento pontual da enunciação pela qual o sujeito deixa-se revelar como dividido.

Nesses termos, a falha simplesmente ocorre, restando ao sujeito-falante somente a capacidade de tentar diminuir seus efeitos, remediando, de alguma forma, a lacuna provocada pelo fenômeno. Nas palavras de Settineri (1999), o falante procura obturar a falta que o sistema linguístico apresenta.

Vejamos agora esses dois exemplos retirados de Fonseca (2007, p. 150) para a exemplificação das heterogeneidades dentro do discurso acadêmico:

(1) Dessa forma, estaria afirmando que o sentido produzido pelo texto como um todo ("wholes") e os padrões ("patterns") podem ser demonstrados não através de contagens e medidas, mas por diferentes possibilidades de interpretação da multiplicidade de conotações.

(D.E.L.T.A. Texto 10)

(2) As análises realizadas com base no esgoto dessa pesquisa [...]

Em 1, a enunciação é realizada em uma língua e, num momento pontual da enunciação, o sujeito introduz uma outra língua, por meio da qual evidencia-se o outro estrangeiro, para explicitar o termo original e, a um só tempo, proteger-se de possíveis imprecisões de sentido. O rompimento da cadeia enunciativa por meio de parênteses e a marca linguístico-formal empregada caracteriza a heterogeneidade mostrada marcada. A marca, que nesse caso são as aspas, poderia ter sido outra, como itálico ou negrito.

Já em 2, consoante a interpretação de Fonseca (2007), dá-se uma ocorrência na escrita do que seria na oralidade um lapso de língua, ou um ato falho. Segundo Authier-Revuz (1982), casos assim não possuiriam qualquer marca formal, o que os caracterizaria como um tipo de heterogeneidade mostrada não marcada.

Objetar-se-á que o cotexto imediato e o contexto discursivo são uma marca da heterogeneidade, no entanto, cremos firmemente que, quando Authier-Revuz aborda as heterogeneidades, reporta-se ao que é efetivamente dito, isto é, ao conteúdo enunciado e não ao que se pretendia enunciar. É evidente, pelo contexto, que a intenção do sujeito-enunciador era utilizar a palavra *escopo* e não *esgoto*, mas o que foi dito - e justamente

por isso se instaura a heterogeneidade - foi *esgoto*, uma outra palavra, de um outro contexto, pretendida por outras razões, que se apresenta, como no jogo oportunista do inconsciente, o qual espera o sujeito distrair-se, num momento preciso de enunciação, para tomar-lhe a palavra. Exatamente **por ser um processo inconsciente é que não há marcas**, pois o sujeito, em princípio, não percebe que teve sua enunciação "invadida" por uma outra voz que não era a sua. (FONSECA, p. 150, grifos nossos).

A primeira pergunta que sobrevém a essa constatação de Fonseca, fundada em Authier-Revuz, é o que constitui para a autora, exatamente, uma *marca*, e o que essa representa. Pelo comentário, podemos inferir que são consideradas marcas as indicações linguísticas de que o sujeito percebeu (deu-se conta de) que "teve sua enunciação invadida por outras vozes" – leia-se: uma voz que representa o posicionamento discursivo do outro.

Diferentemente da análise que realiza Fonseca, nesses exemplos, acreditamos que o advento do inconsciente deixa-se revelar por marcas. Além disso, estamos propondo que o sujeito fazedor do lapso não é completamente alheio ao seu produto, pelo contrário, segundo Thá (2001), existe, além de uma verdade relativa ao desejo do sujeito, no cometimento do lapso, um saber sobre esse mesmo desejo, isso é, não há inocentes para o que é da ordem do inconsciente. Embora Authier-Revuz não trate analiticamente dessas marcas textuais, examinaremos na análise de nosso exemplário as heterogeneidades que escapam da fala do sujeito no momento de sua enunciação.

Para a autora, as formas de heterogeneidade mostrada representam uma negociação obrigatória do sujeito-falante com a heterogeneidade que o constitui e que tem necessidade de desconhecer. E essa negociação assume a forma de uma denegação¹, na qual, segundo Settinieri (1997), a emergência pontual do não um é mostrada e ao mesmo tempo obturada, isso é, o sujeito movido pela ilusão, necessária, de ser o centro de sua enunciação, e ao mesmo tempo impossibilitado de escapar da heterogeneidade que o constitui, abre, em seu discurso, espaço para o não um, por um processo que procura mostrar como homogêneo o que é heterogêneo em sua essência.

Authier-Revuz detém-se nessa problemática da dupla heterogeneidade sob a forma das não coincidências. O modo pelo qual se manifesta a negociação do sujeito-falante com a heterogeneidade constitutiva é estudado por essa linguista por meio da modalização autonímica², que é a propriedade de flexibilidade da linguagem, a capacidade que ela tem de ser sua própria metalinguagem. A autora mostra que as formas da modalidade autonímica dividem a enunciação em dois territórios:

1. O do emprego *standard* das palavras, o território da coincidência.
2. O da inquietude crítica, que sente um problema e em função disso não pode deixar a palavra funcionar sozinha, o território da não coincidência.

Para Teixeira (2005), essas formas remetem à negociação obrigatória dos

enunciadores com as não coincidências ou as heterogeneidades que, constitutivamente, atravessam o dizer, representando, então, um ponto de não um, um ponto problemático na produção do sentido. Chegamos, assim, ao estudo de Authier-Revuz (1990) que trata das não coincidências do dizer no fio discursivo.

Nossos esforços vão em direção à tentativa de evidenciar a autonomia de certas marcas linguísticas que, inseridas em contextos específicos, promovem a inscrição da alteridade no fio discursivo, como demonstraremos nos exemplos.

As marcas linguísticas

Analisamos as marcas linguísticas, na interação da mídia eletrônica, a partir da conceituação de heterogeneidade enunciativa, de Authier-Revuz e de referenciação, baseada nos novos estudos da linguística de texto preconizados por Cavalcante (2008, 2009) e pelo Grupo de Pesquisa PROTEXTO da Universidade Federal do Ceará.

Optamos por não coletar um *corpus*, uma vez que nosso objetivo não é elencar as heterogeneidades ou ainda classificar as ocorrências referencias, mas, sim, demonstrar que é possível encontrar marcas linguísticas que não se restrinjam a estabelecer relações metaenunciativas e argumentativas, nem somente socio-discursivas. Esse é o ponto em que nos distanciamos da teoria das heterogeneidades de Authier-Revuz e de outras abordagens teóricas que fazem uso dos pressupostos da autora para finalidades

outras dentro visão teórica que adotam. O diferencial desta pesquisa não retrata exatamente uma oposição à proposta da autora, mas, ao contrário, traz um acréscimo, um desdobramento, pois estamos buscando analisar como os diferentes tipos de heterogeneidade enunciativa revelam, por marcas diversas, nem sempre contempladas pela autora, a invasão de vozes no discurso, mesmo que o sujeito não se dê conta disso. Do ponto de vista psicanalítico (e estamos defendendo que também do ponto de vista linguístico), isso não representa ausência de marcas, tal como postula Authier-Revuz (1982), para quem são consideradas marcas as indicações linguísticas de que o sujeito percebeu (deu-se conta de) que “teve sua enunciação invadida por outras vozes” – leia-se: uma voz que representa o posicionamento discursivo do outro.

Uma das contribuições teóricas foi demonstrar que, do ponto de vista psicanalítico e linguístico-textual, sempre haverá marcas linguísticas, diversificadas que sejam, pois as “marcas” não são, ou não são apenas, as que o enunciador percebe, ou supõe perceber, mas aquelas em que se destacam sob a forma de um sobressalto na fala, ou de um tropeço.

Tomamos como exemplário para o presente estudo em nossa pesquisa a fala realizada na hipertextualidade, especificamente a que se processa nos bate-papos abertos. É evidente que essa possibilidade de análise pode aplicar-se a outros ambientes virtuais, como Orkut e MSN, mas, em vista do recorte que precisávamos fazer, apenas deixaremos a porta aberta para que outras pesquisas venham a ser feitas nesses outros am-

bientes virtuais, na medida em que qualquer tipo de interação é atravessada por diferentes vozes e é, portanto, passível de ser interpretada. Não pretendemos, obviamente, com essa análise do exemplário do ambiente virtual, realizar uma “interpretação”, pois só seria verdadeiramente efetivada em sessões de análise psicanalítica, num ambiente apropriado, numa conjunção entre analista e paciente. Pretendemos tão-somente identificar na fala dos sujeitos, por meio dos processos referenciais e das heterogeneidades enunciativas, as marcas do discurso do outro alastradas no diálogo realizado nos bate-papos virtuais.

A análise

Reservamo-nos o direito de observar apenas o que foi conveniente aos nossos objetivos, uma vez que os fenômenos de referenciação e heterogeneidade que serão investigados prescindem de uma transcrição que obedeça a um conjunto de normas, as quais atendem a finalidades outras de análise.

Elegemos como critérios de análise as marcas de heterogeneidade identificadas em uma outra cena, aquela em que podemos observar o atravessamento da voz do inconsciente, embora essas mesmas marcas possam também apontar, simultaneamente, para outros discursos e influenciar na recategorização de desejos. Observamos tanto o que Authier-Revuz (1982) considera como heterogeneidade mostrada marcada, como aquilo que ela julga ser mostrada não marcada. Entendemos que as marcas deixadas no texto pelo inconsciente podem ser iden-

tificadas na fala. Para tanto, recorreremos aos processos referenciais, que tomamos como critério de nossa análise, para localizar os referentes na fala do sujeito.

As heterogeneidades poderiam ser observadas em qualquer tipo de discurso. Authier-Revuz (1998) diz que examinou mais de quatro mil exemplos de metaenunciados colhidos dos mais diversos “registros” de linguagem, orais e escritos, todos devidamente atestados. Não obstante, optamos por examiná-las num tipo de fala específico, o *chat*, que se processa em um meio relativamente novo de interação, a internet. Essa escolha deve-se ao fato de nossa preferência por esse tipo de enunciado, para mostrar que o inconsciente presentifica-se e deixa suas marcas em qualquer texto, até mesmo naqueles virtuais.

Ampliamos, dessa forma, o horizonte da proposta de Authier-Revuz para além de possibilidades de heterogeneidades mostradas marcadas da irrupção do alheio na materialidade linguística, na medida em que colocamos em questão que outras formas de marcação têm sua legitimidade calcada na presença do outro no fio discursivo. Isso porque nossa argumentação pauta-se pela crença de que outras marcas, que não apenas aquelas mais tipograficamente visíveis, nem as conscientemente escolhidas como autonímicas, são acionados, mas também aquelas que se revelam quando o sujeito não se dá conta, inconscientemente, de sinalizar a presença do heterogêneo no fio discursivo: como os lapsos e a consequente reconstrução dos procedimentos de natureza referencial dentro de uma outra cena enunciativa.

Defendemos que o fato de o sujeito não “marcar”, conscientemente, tal como o faz na heterogeneidade mostrada marcada, a ruptura produzida no fio discursivo pela “irrupção” do outro não nos leva, necessariamente, a postular uma não marcação por parte do sujeito. Prova disso, reivindicamos, são os tropeços de linguagem, extremamente comuns em uma fala, mas que, no entanto, não são reconhecidos por Authier-Revuz (1982) como representando marcações. Para nós, as várias maneiras de marcação – uma vez que defendemos que estratégias desse tipo configuram um texto como marcado – são inteiramente legítimas, visto que passíveis de serem identificadas. Ocorre que tal identificação se dará por vias não prototípicas, em uma outra cena de acesso à maneira pela qual o sujeito, ciente ou não de seu eu, se deixa cindir pelo outro em sua fala, marcando, dessa forma, a alteração em seu discurso.

A nosso ver, o fato de serem estas últimas tidas como não marcadas apenas pelo fato de a identificação da marcação depender do conhecimento consciente do sujeito não descaracteriza o fenômeno em si. Diferentemente da concepção de Authier-Revuz (1982), acreditamos que não podemos, com efeito, atrelar o fator compreensão ao fato linguístico da marcação – mesmo que esse procedimento não se dê de maneira tão explícita. Assumimos, em consonância com Cavalcante (no prelo), que toda entidade referida, ainda que seja uma manifestação do inconsciente, é utilizada mediante a presuposição de que se tornará acessível na interação por alguma via. Na produção de um ato falho, por exemplo, existe

sempre, além de uma verdade relativa ao desejo de quem o praticou, um saber concomitante no dito. Por isso, contestamos o “dar-se conta de”, a compreensão consciente, o voltar-se para o próprio discurso, tão caro a Authier-Revuz (1998) como a única forma legítima de marcação.

Além dos possíveis troços de linguagem, identificamos também, em nossa análise, outras manifestações do inconsciente, que venham a se expressar na fala do sujeito, independentemente de atos falhos. Essa é outra contribuição de nossa pesquisa aos pressupostos de Authier-Revuz e da psicanálise freudolacanianana. Para tanto, analisamos os processos referenciais que, a partir da apreensão textual de tal pressuposição, serão compreendidos como marcadores de fatos de heterogeneidade.

Observamos também as intervenções que porventura realizamos durante a interação e os efeitos causados nos enunciadores após elas. Essas intervenções foram de cunho estritamente dialogal, no sentido de não terem a pretensão de um caráter interpretativo, verdadeiramente, como o que se dá em uma sessão clínica terapêutica. Isso não impediu, no entanto, que as intervenções se prestassem a esse destino, na medida em que o sujeito espantou-se com, ou negou, seu próprio dito. Esse ato é característico da reação de um indivíduo que se embarça com o seu próprio inconsciente. Vemos isso já na própria escolha de um *nick* em que a pessoa diz que a escolha “não tem sentido algum, que foi feita aleatoriamente”, mas que, ao longo da interação, revela-se uma fonte de desejos.

A voz dos outros

Neste item, mostraremos a invasão da voz de outros discursos na fala do sujeito sem que esse perceba. Para tanto, identificaremos as marcas linguísticas na interação virtual. Trataremos, portanto, de heterogeneidades enunciativas mostradas (AUTHIER-REVUZ, 1982) e, para nós, sempre marcadas. Não nos restringiremos, todavia, aos casos de modalização autonímica e de conotação autonímica, em que o sujeito realiza “laçadas reflexivas” e, conscientemente, reflete sobre seu próprio dizer, reformulando-o por motivos diversos, conscientes ou não. São esses motivos que nos interessam, ainda que não seja nosso propósito – nem poderia ser – interpretá-los. Cumpre-nos apenas demonstrar como podem ser identificadas as marcas para possíveis interpretações psicanalíticas em sessões reais de análise. Com isso, estamos contribuindo não somente para os estudos linguísticos sobre heterogeneidades enunciativas, como também para as pesquisas em psicanálise lacanianana, sempre centradas numa visão saussuriana de signo linguístico.

(3) A menina problematik

(02:37:02) MeNiNaPrObLeMaTiK (reservadamente) fala para universitário : Oi
(02:37:02) universitário (reservadamente) fala para MeNiNaPrObLeMaTiK : oi
(02:37:26) MeNiNaPrObLeMaTiK (reservadamente) fala para universitário : claro q xim
(02:37:44) universitário (reservadamente) fala para MeNiNaPrObLeMaTiK : por q esse nick?
(02:38:21) universitário (reservadamente) fala para paulo : qts anos?
(02:38:24) MeNiNaPrObLeMaTiK (reservadamente) fala para universitário : Hmm... eh pq sou uma pessoinha q nao coxtuma estar muito felixxxx
(02:38:47) MeNiNaPrObLeMaTiK (reservadamente) fala para universitário : Problemas em ksa, na escola, com amigos...
(02:39:18) universitário (reservadamente) fala para paulo : 21
(02:39:32) universitário (reservadamente) fala para MeNiNaPrObLeMaTiK : como assim?
(02:39:41) MeNiNaPrObLeMaTiK (reservadamente) fala para universitário : E vc?! Faix o q na universidade?!
(02:39:47) universitário (reservadamente) fala para paulo : me add:gustavopausini@hotmail
(02:40:00) universitário (reservadamente) fala para MeNiNaPrObLeMaTiK : letras e vc faz facul?
(02:40:31) MeNiNaPrObLeMaTiK (reservadamente) fala para universitário : Não... faço 2º ano! Meus pais nao sao muito compreensivos com meu modo d me vestir, as musicas q escuto...
(02:40:58) universitário (reservadamente) fala para MeNiNaPrObLeMaTiK : ah eu sei como é
(02:41:06) universitário (reservadamente) fala para MeNiNaPrObLeMaTiK : to fazendo uma pesquisa pra faCUL
(02:41:11) universitário (reservadamente) fala para MeNiNaPrObLeMaTiK : to pesquisando sobre bate pao
(02:41:14) MeNiNaPrObLeMaTiK (reservadamente) fala para universitário : Sério?!
(02:41:18) MeNiNaPrObLeMaTiK (reservadamente) fala para universitário : Como assim?!
(02:41:31) universitário (reservadamente) fala para MeNiNaPrObLeMaTiK : to pesquisando sobre bate papo
(02:41:43) universitário (reservadamente) fala para MeNiNaPrObLeMaTiK : quero saber se posso usar essa conversa
(02:42:19) MeNiNaPrObLeMaTiK (reservadamente) fala para universitário : só c a gente conversar maix...
(02:42:28) universitário (reservadamente) fala para MeNiNaPrObLeMaTiK : claro
(02:42:43) universitário (reservadamente) fala para MeNiNaPrObLeMaTiK : me conta mais sobre a sua relação com os seus pais
(02:42:48) MeNiNaPrObLeMaTiK (reservadamente) fala para universitário : mas nao vai dar problemax pra mim naum?!
(02:43:18) universitário (reservadamente) fala para MeNiNaPrObLeMaTiK : não fique tranquila
(02:44:21) MeNiNaPrObLeMaTiK (reservadamente) fala para universitário : Axim... eu uso muito preto, franja, escuto muito simple plan, blink, evanescence, 30 seconds to mars...
(02:44:59) universitário (reservadamente) fala para MeNiNaPrObLeMaTiK : então essas músicas são reflexos de seus problemas

(02:45:04) **MeNiNaPrObLeMaTiK** (*reservadamente*) fala para **universitário**: e eles dizem q devo escutar musicas menos pesadas...

(02:45:26) **MeNiNaPrObLeMaTiK** (*reservadamente*) fala para **universitário**: É, sei disso... elas refletem o q sinto em vários momentox da minha vidinhah

(02:45:54) **universitário** (*reservadamente*) fala para **MeNiNaPrObLeMaTiK**: bem, tenho q ir

(02:46:11) **MeNiNaPrObLeMaTiK** (*reservadamente*) fala para **universitário**: oww... td bem!!! Espero ter lhe ajudado

(02:46:19) **MeNiNaPrObLeMaTiK** (*reservadamente*) fala para **universitário**: claro q xim

(02:46:30) **universitário** (*reservadamente*) fala para **MeNiNaPrObLeMaTiK**: obg e tchau

Nesse exemplo, podemos, logo em um primeiro impulso, dizer que esse *nick* é muito peculiar, uma vez que, no ambiente virtual bate-papo, os *nicks* escolhidos são geralmente atraentes e, por vezes, pornográficos, com o objetivo de chamar a atenção do outro para uma “teclada” ou uma transa virtual. É interessante notar que o sujeito não se autoneou, por exemplo, como Linda, Morena, Lulu, Alice etc., apelidos geralmente preferidos por aqueles que participam desse tipo de ambiente virtual de interação. O escolhido foi uma alcunha que marca o distanciamento entre o que se quer mostrar no *chat* e o que se é na realidade. A “menina

problematik” queria ou ser identificada por uma tribo, ou apontar para alguma coisa, ou ambas as coisas. O fato é que o referente “menina problematik” já estabelece um distanciamento entre o enunciador do discurso e as diferentes vozes aí identificadas e não assumidas pelo sujeito, uma vez que o sujeito heterogeneizou o seu discurso. Temos que o apelido recategoriza o sujeito real da enunciação ao mesmo tempo em que o ressignifica, ou seja, torna-o outro, um outro referente, além disso.

Nesse ambiente, pouco se quer falar e muito menos escutar; vemos isso nesta passagem:

“(02:45:54) **universitário** (*reservadamente*) fala para **MeNiNaPrObLeMaTiK**: bem, tenho q ir

(02:46:11) **MeNiNaPrObLeMaTiK** (*reservadamente*) fala para **universitário**: oww... td bem!!! espero ter lhe ajudado”

A menina “problematik” estava muito “a fim de teclar”, de falar de seus problemas de adolescente (imaginamos que seja uma adolescente e que o universitário cortou abruptamente a conversa, mas, ainda que ela não seja uma adolescente na vida real, isso não tem relevância para outra “idade” que ela

revela, nem para as insatisfações e os desejos que ela deixa escapar).

No *nick* “menina problematik”, reconhecemos como outras “vozes”, possivelmente dos pais, e provavelmente dos amigos, aí se manifestam. “Problemática”, porque escuta certos tipos de músicas – que refletem seu estado de espírito

e também são estranhas para os pais –, porque briga com os amigos, ou se mete em confusão etc. Desse modo, um conjunto de estereótipos apreensíveis pelo contexto ajuda a construir o referente para o *nick* “menina problematik”. Contudo,

mesmo estando ansiosa por extravasar alguma coisa, a “menina problematik” recua, apesar de seu *nick* assumir o perfil de problemática, manifestando a possibilidade de que a entrevista lhe traga complicações:

(02:41:31) universitário (<i>reservadamente</i>) fala para MeNiNaPrObLeMaTiK : to pesquisando sobre bate papo
(02:41:43) universitário (<i>reservadamente</i>) fala para MeNiNaPrObLeMaTiK : quero saber se posso usar essa conversa
(02:42:19) MeNiNaPrObLeMaTiK (<i>reservadamente</i>) fala para universitário : só c a gente conversar maix...
(02:42:28) universitário (<i>reservadamente</i>) fala para MeNiNaPrObLeMaTiK : claro
(02:42:43) universitário (<i>reservadamente</i>) fala para MeNiNaPrObLeMaTiK : me conta mais sobre a sua relação com os seus pais
(02:42:48) MeNiNaPrObLeMaTiK (<i>reservadamente</i>) fala para universitário : mas nao vai dar problemax pra mim naum?!"

Existe uma voz que diz: sou problemática, mas não quero problemas com isso, mesmo quando o sujeito tem a proteção de uma tela que guarda sua face. Nesse caso, outras situações discursivas são barradas para referendar a expressão referencial “menina problematik”. Essa barra parece se manifestar pelo fato de a “menina” recusar certas “*expressões referenciais*”, como bem notou Lima (2009). Dessa forma, ao recusar certas “expressões referenciais”, a menina recusa um desejo, ao mesmo tempo em que o assimila, não sabendo exatamente de onde isso vem. Todavia, esse desejo faz eco, é assimilado e repetido em seu próprio *nick*. Por isso, recua diante dos problemas - quer manter distância

desses, assim como de seu desejo, que é barrado e que é protegido no bate-papo, virtual que seja, mas que se manifestou em toda a sua “*problematik*”.

Como vemos, há marcas linguísticas, não só de expressões referenciais, mas de outras pistas do cotexto que levam ao reconhecimento de vozes do inconsciente, dentro das quais há referentes irreveláveis, mas, ainda assim, indiciáveis por marcas. Não se deve, pois, limitar-se à afirmação de que o significante “salta” sozinho, já que ele está, necessariamente, preso a um significado construído no momento da enunciação, e a um referente, dos quais o sujeito não se dá conta.

Dentre outros aspectos, demos continuidade a essas constatações refletindo

sobre as marcas linguísticas da presença do inconsciente a partir da comunicação eletrônica. Mostraremos que o *nick* não é somente um nome escolhido aleatoriamente, pois pode revelar a história de um sujeito que deseja mais além do que pode alcançar sua consciência. Dessa forma, recorreremos, como mostramos em nossa discussão anterior, aos pressupostos psicanalíticos e ao conceito de recategorização, já discutido acima, para apontar para uma nova forma de recategorizar, que escapa a qualquer análise contextual de organização consciente do texto e do discurso; diríamos ainda que foge a uma compreensão apenas cognitiva dos processos referenciais. Como dissemos, denominamos de *recategorização de desejo*³ a essa forma de nomeação que encontramos não só nos bate-papos virtuais, mas também em outros tipos de interação mediatizada pelo computador, ou não.

As não coincidências do dizer

Apresentamos, abaixo, outra pequena amostra retirada de um bate-papo (*UOL, Tema livre*), em que encetamos uma conversa com um dos participantes que se encontravam presentes na sala do *chat*.

(3) *O sexo de Lumpy*

Entramos na sala de bate-papo com o *nick* Bia:

(06:15:47) *Bia entra na sala...*

(06:16:02) **LUMPY** (*reservadamente*)
fala para **Bia**: oi quer tc

(06:16:07) **Bia** (*reservadamente*) fala
para **LUMPY**: klaru

(06:16:41) **Bia** (*reservadamente*) fala
para **LUMPY**: e esse nick?

(06:16:50) **LUMPY** (*reservadamente*)
fala para **Bia**: eh um personagem de
desenho animado

(06:17:01) **Bia** (*reservadamente*) fala
para **LUMPY**: naum conheço

(06:17:10) **LUMPY** (*reservadamente*)
fala para **Bia**: eh americano

(06:17:13) **Bia** (*reservadamente*) fala
para **LUMPY**: como ele é?

(06:17:16) **LUMPY** (*reservadamente*)
fala para **Bia**: eu te envio um link

(06:17:20) **LUMPY** (*reservadamente*)
fala para **Bia**: ai vc pode ver uns
videos meus tbm...

(06:17:25) **Bia** (*reservadamente*) fala
para **LUMPY**: que videos?

(06:17:37) **LUMPY** (*reservadamente*)
fala para **Bia**: videos caseros

(06:17:40) **LUMPY** (*reservadamente*)
fala para **Bia**: estilo engraçados

(06:17:43) **Bia** (*reservadamente*) fala
para **LUMPY**: o ke o lumpy faz?

(06:17:47) **LUMPY** (*reservadamente*)
fala para **Bia**: eu achu q ele eh o
personagem mais da hora

(06:17:53) **LUMPY** (*reservadamente*)
fala para **Bia**: eh um alce azul

(06:17:57) **Bia** (*reservadamente*) fala
para **LUMPY**: alce?

(06:18:03) **LUMPY** (*reservadamente*)
fala para **Bia**: eu ia fala viadinho...
mas ai ia pega mal neh

(06:18:12) **LUMPY** (*reservadamente*)
fala para **Bia**: rrsrsrs

(06:18:15) **LUMPY** (*reservadamente*)
fala para **Bia**: muito loko

(06:18:17) **Bia** (*reservadamente*) fala
para **LUMPY**: passa na sky?

(06:18:22) **LUMPY** (*reservadamente*)
fala para **Bia**: to de mal

(06:18:25) **LUMPY** (*reservadamente*)
fala para **Bia**: rrsrsrs

(06:18:30) **LUMPY** (*reservadamente*)
fala para **Bia**: nao sei eh no canal g4

(06:18:32) **LUMPY** (*reservadamente*)
fala para **Bia**: passa a meia noite

(06:18:36) **Bia** (*reservadamente*) fala para **LUMPY**: vc gosta ?
 (06:18:40) **LUMPY** (*reservadamente*) fala para **Bia**: sim
 (06:18:44) **LUMPY** (*reservadamente*) fala para **Bia**: vc vai passa o msn?
 (06:18:47) **LUMPY** (*reservadamente*) fala para **Bia**: quer ver meus videos?
 (06:18:51) **Bia** (*reservadamente*) fala para **LUMPY**: keru
 (06:18:57) **LUMPY** (*reservadamente*) fala para **Bia**: vc acessa o you tube?
 (06:19:58) **LUMPY** (*reservadamente*) fala para **Bia**: perai
 (06:20:47) **LUMPY** (*reservadamente*) fala para **Bia**: http://www.youtube.com/results?search_query=ninfetas&search=Search
 (06:20:50) **LUMPY** (*reservadamente*) fala para **Bia**: acessa o link ai
 (06:20:53) **LUMPY** (*reservadamente*) fala para **Bia**: o meu grupo se chama ninfetas
 (06:21:07) **LUMPY** (*reservadamente*) fala para **Bia**: nao se assuste pelo nome...
 (06:21:09) **LUMPY** (*reservadamente*) fala para **Bia**: tenho ai sete ou oito videos
 (06:25:47) **Bia** (*reservadamente*) fala para **LUMPY**: eu vi
 (06:25:57) **LUMPY** (*reservadamente*) fala para **Bia**: olaaaaaa.....
 (06:26:01) **LUMPY** (*reservadamente*) fala para **Bia**: assistiu?

Vemos neste diálogo que o *nick* LUMPY significava muito mais do que um nome escolhido aleatoriamente, sem importância, pois, como diz Crystal (2002), o “*nick* é a identidade eletrônica [e sempre] diz alguma coisa sobre quem são e como agem os usuários de *chat*” (p. 160). Os *nicknames* não só dizem sobre quem são os usuários, como também expressam alguma coisa do sujeito, como no trecho:

“(06:17:53) **LUMPY** (*reservadamente*) fala para **Bia**: eh um alce azul
 (06:17:57) **Bia** (*reservadamente*) fala para **LUMPY**: alce?
 (06:18:03) **LUMPY** (*reservadamente*) fala para **Bia**: eu ia fala viadinho...mas ai ia pega mal neh”

Mais do que uma “identidade eletrônica”, podemos dizer que existe uma identificação com o apelido em questão. LUMPY foi recategorizado e sofreu também uma ressignificação, que se refletiu na própria expressão referencial: *um alce azul*.

Numa análise linguístico-textual, essa recategorização enveredaria para outros aspectos atinentes à construção dos sentidos e da referência no universo discursivo aberto pelo texto. Em nosso estudo, o referente que escapou, junto com o significante-significado, existe somente no plano do inconsciente, e é por isso que falamos de uma “outra cena”, à qual o sujeito não tem acesso.

Vemos ainda que, por meio das não coincidências do dizer, também é possível refletir sobre significados e referentes que se escondem e que se deixam trair pelo modo como são nomeados e pelo emprego de expressões de não coincidência entre vozes do inconsciente que se embatem.

Na “outra cena”, a que nos referimos anteriormente, vislumbramos a heterogeneidade configurar-se como uma nominalização de desejos que provoca um afastamento defensivo entre Lumpy,

“um alce azul, viadinho”, e sua própria identidade.

Quando Lumpy diz “eu ia falar viadinho... mas ia pegar mal”, voltou-se para o seu próprio dizer; dessa forma, o referente foi recategorizado, mesmo no sentido empregado pela linguística de texto, e o sentido sofreu uma ressignificação: *viadinho* por *alce*. Importa à psicanálise o que essa recategorização representaria para a história de vida do sujeito.

Identificamos nesse exemplo o que, na linguística da enunciação, Authier-Revuz denomina de uma não coincidência entre as palavras e as coisas. Interessante observar que a não coincidência entre as palavras e as coisas é caracterizada também pela autora a partir da perspectiva psicanalítica. As “coisas” são colocadas como objeto-real a nomear, e as palavras, como o instrumento utilizado no processo designativo, o aparelho simbólico significante. Acontece que o real⁴ é sempre inalcançável em sua essência, e a linguagem, uma vez constitutivamente falha, não é suficientemente adequada para nomeá-lo.

As palavras nunca alcançam satisfatoriamente a tarefa de nomear o real nem de designá-lo. Authier-Revuz afirma que a manifestação linguística, dessa parte do fenômeno, costuma expressar:

- (i) dúvida quanto à enunciação, com verbos no futuro do pretérito ou futuro do presente e retomada do termo.
- (ii) anulação de sentido, construída por meio do verbo dizer ou chamar e advérbio de negação.
- (iii) explicitação da imperfeição do sistema linguístico.

Note-se que a preocupação maior da autora é com a relação entre o elenco de formas de não coincidências do dizer e o que isso representa em termos de interdiscursividade. Essa não é a mesma preocupação da psicanálise.

A diversidade de figuras linguísticas nas quais esse fenômeno apresenta-se é imensa. Authier-Revuz (1998, p. 24) coloca essa dificuldade explicando que as formas de não coincidências das palavras com as coisas

aparecem, de forma notável, por um lado, no plano dos fenômenos “tratados”, reflexivamente, pelos enunciadores, entre outros, a metáfora, o neologismo, o eufemismo e a hipérbole, e um conjunto de oposições gramaticais (finitude, número, tempo, modo...) muito raramente em causa nos outros campos de não coincidência e, por outro lado, no plano das formas de glosa, a importância particular da modalização explícita que apresenta uma encenação complexa de recursos modais da língua (modalidade de enunciação, polaridade afirmativa/negativa, auxiliares modais, modos e tempos com valor modal, advérbios, subordinadas...).

Mais do que a marca descritível identificada no exemplo, interessa-nos a mostraçãõ do desejo do sujeito refletido em sua enunciação: representa muito mais do que uma simples curtição de um desenho animado, pois mostrou o lugar para onde o desejo do enunciator está apontando: para uma sexualidade que pode “pega mal neh”?

Em uma outra interação, temos uma negação recategorizada, como veremos no item seguinte.

Considerações finais

A partir da problematização das heterogeneidades do tipo mostrada e não mostrada de Authier-Revuz (1982), que levam em consideração apenas a marca consciente implementada pelo enunciador, redescrevemos, acrescentando o que nos pareceu pertinente, outras marcas que transcenderam aquelas consagradas (negrito, mudança de fonte, aspas, discurso direto), como sendo formas de marcação da presença do outro no fio discursivo. Discutimos com Authier-Revuz a discretização das modalidades de heterogeneidade constitutiva, a saber, a constitutiva, em oposição à mostrada, para a inclusão de fenômenos de natureza não estritamente formal entre os fatos de linguagem tidos como não marcados, como é o caso da presença do inconsciente no fio discursivo, ampliando, assim, o leque de marcações.

Para a autora, existe uma falha generalizada no sistema linguístico e que é constitutiva. Essa constatação nos autorizou a buscar as marcas linguísticas dessas falhas na enunciação mesma do sujeito.

Encontramos essas marcas em uma outra cena, a do inconsciente, como demonstramos na exemplificação das análises. Comungamos com Authier-Revuz (1982) o ponto de vista de que o inconsciente está presente em todo e qualquer discurso e de que o trabalho de interpretação psicanalítica pode ser

feito por meio das marcas encontradas na materialidade da fala.

Authier-Revuz afirma que as marcas só podem ser identificadas porque o sujeito tem plena consciência de seu ato enunciativo: ele para, olha, reflete e distancia-se do seu dito. No entanto, mostramos que outras marcas podem ser observadas no dizer do sujeito, uma vez que a classificação da autora, como podemos constatar, foi elaborada para uma heterogeneidade relacionada ao outro e não ao grande outro. Em nossa pesquisa, consideramos não apenas a heterogeneidade relacionada ao semelhante, mas também a que se processa em uma outra cena. Na análise do exemplário encontramos outras marcas que se expressaram à revelia do dito consciente do sujeito, ligada às vozes do inconsciente. Propusemos que, em vez de se falar em heterogeneidade realizada somente pela reflexão autonímica do sujeito acerca da sua fala, a heterogeneidade também revelaria a descontinuidade do dizer que pode ser linguisticamente explicitada por outras marcas, que apontam para a cena do inconsciente, o que nos faz considerar o campo da enunciação marcado por uma heterogeneidade desconhecida pelo sujeito, mas que se faz ouvir e deixa as suas pistas como inevitáveis.

Sabemos que, para a psicanálise, existe no discurso uma outra intenção (inconsciente) além de uma simples comunicação entre os atores. Essa segunda intenção do discurso, que, como afirma Lacan (1959), interroga as coisas em

relação ao próprio sujeito, em relação a sua situação no discurso – que não é mais exclamação ou interpelação, mas uma necessidade de nomeação, uma necessidade de expressão –operacionaliza-se porque vem quebrar a ordem linear do discurso pela inserção de uma não coincidência do dizer, a qual aparece porque existe no discurso mais de uma intenção além da de comunicar. E esse além se dá em uma outra cena.

Argumentamos, ao longo da pesquisa, em favor de uma abertura para uma outra cena enunciativa e, para tanto, recorreremos a processos de referenciação, que desempenham o papel de eficientes marcadores discursivos, sem que, para isso, precisem vir acompanhados de indicadores formais que assinalem convencionalmente essa marcação, como descreve Authier-Revuz (1982).

Dessa forma, tentamos contribuir para os pressupostos teóricos das heterogeneidades enunciativas quando salientamos marcas linguísticas não consideradas por Authier-Revuz e quando demonstramos como se dá o embate das vozes do inconsciente.

Constatamos, outrossim, que, para a psicanálise, a construção da referência deveria ser indissociável da pontuação dos seus significantes.

Hétérogénéité énonciative et les marques linguistiques de l'interprétation psychanalytique

Abstract

The main goal of this study is to analyze the linguistic marks of the Other in the discourse thread through the interpretative process. The criteria used are the heterogeneities, such as defined by Authier-Revuz (1982) as *constitutive* and *shown*. According to the author, the *shown heterogeneity* can be *marked* and *unmarked*. To argue in favor of this “opening” to another discourse scene we resort to referentiation processes. Those can act as efficient discourse markers with no need of formal indicators (according to AUTHIER-REVUZ, 1982). By an analyzes of the signifying chain we intend not only to investigate the construction of meanings, as stated in LACAN (1990), but also and necessarily the construction of referents. Interactions in the new forms of communication emerged from the electronic media, such as the *chats*, were used as a collection of examples.

Key-words: Heterogeneity. Referentiation. Unconscious.

Notas

- ¹ Para Freud a denegação consiste em um pensamento oriundo do que foi recalçado, ou seja, do que foi reprimido pelo sujeito, que ascende à consciência sob a forma de uma negação. O que está em jogo na denegação é o ato de o paciente expressar um pensamento ao mesmo tempo em que o nega veementemente. Freud observa que ao negar o paciente já está acolhendo na consciência a ideia que foi rechaçada da consciência, muito embora ele não reconheça o

vínculo afetivo ligado ao pensamento negado. Por exemplo, quando o paciente, em determinado momento de sua análise, diz: “eu não odeio a minha mãe”, ao proferir a sentença na forma negativa o paciente permite que o conteúdo representacional da ideia incompatível com a consciência possa se manifestar, na medida em que o afeto foi separado de sua representação sob a forma de denegação, por isso a denegação é um mecanismo de defesa. Ao negar a afirmação, a ideia é revelada e o afeto mantido afastado da consciência. (Para saber mais sobre este assunto, conferir o artigo de Sigmund Freud *A negação*, de 1925.)

- 2 Para aprofundar mais esse tema, ver a tese completa de Authier-revuz (1995)
- 3 Chamamos de recategorização de desejo a recategorização que pode ser encontrada em uma outra cena, na fala do sujeito, marcada pela aparecimento de outras vozes em seu discurso. Para saber mais, ver a tese completa de Brito (2010).
- 4 Segundo Žižek (1992), o “real” resulta ser um termo bastante enigmático, e não deve ser equiparado com a realidade, uma vez que a nossa realidade está construída simbolicamente; “o real, pelo contrário, é um núcleo duro, algo traumático que não pode ser simbolizado (isto é, expressado com palavras). O real não tem existência positiva; só existe como abstracto.” Para o autor, a realidade pode ser desmascarada como uma ficção; basta ter presente certos aspectos - pontos indeterminados - que têm a ver com o antagonismo social, a vida, a morte e a sexualidade. Temos que enfrentar estes aspectos se quisermos simbolizá-los. O real não é nenhuma espécie de realidade atrás da realidade, mas sim o vazio que deixa a própria realidade incompleta e inconsistente. É o espectro do fantasma; o próprio espectro em si é o que distorce a nossa percepção da realidade. A trilogia do simbólico/imaginário/real, inventado por Lacan (1954-55) se reproduz dentro de cada parte individual da subdivisão. Há também três modalidades do real: o “real simbólico”, em que o significante é reduzido a uma fórmula sem sentido (como em física quântica, que como toda ciência parece arrancar o real, mas só produz conceitos apenas compreensíveis); o “real real”, que é algo horrível, aquilo que transmite o sentido do terror nas películas de terror; e o “real imaginário”, que é como algo insondável que permeia as coisas como um pedaço do

sublime. A psicanálise ensina que a realidade (pós-moderna) precisamente não deve ser vista como uma narrativa, mas como o sujeito há de reconhecer, suportar e ficcionar o núcleo duro do real dentro de sua própria ficção.

Referências

AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a transparência e opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____. Heterogeneidades enunciativas. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, IEL, 1990. p. 25-42. (Tradução: J. W. Geraldi).

_____. Hétérogénéité montréalaise et hétérogénéité constitutive: des éléments pour une approche de l'autre dans le discours. *DRLAV*, Paris, Université de Paris VIII-Vincennes, n. 26, 1982.

CARDOSO, S. H. B. *A questão da referência: das teorias clássicas à dispersão dos discursos*. São Paulo: Autores Associados, 2003.

CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. (Orgs.). *Gêneros textuais e referenciação*. Fortaleza: Prottexto, 2004.

_____. A construção do referente no discurso. In: CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. (Orgs.). *Gêneros textuais e referenciação*. Fortaleza: Prottexto, 2004.

FONSECA, C. M. V. Escavando o discurso e encontrando o sujeito: uma arqueologia das heterogeneidades enunciativas. In: CAVALCANTE, M. M., LEURQUIN, E. V. L. F., BRITO, M. A. P. *Teses e Dissertações*, Grupo de Pesquisa Prottexto, v. 3. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2007.

CRYSTAL, D. *El lenguaje e Internet*. Madrid: Cambridge University Press, 2002.

DOR, J. *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

FLORES, V.; TEIXEIRA, M. *Introdução à linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.

LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.

_____. *Seminário, livro 20. Mais ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.

_____. *Seminário, livro 4. A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. *Seminário, livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988.

_____. (1962-1963). *Seminário, livro 10. A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

MATTOS, C. L. G. de. *A abordagem etnográfica na investigação científica*. Rio de Janeiro: UERJ, 2001

NÓBREGA, M. Lacan e a linguística saussuriana: um tiro que errou o alvo, mas acertou na mosca? In: FLORES, V. & TEIXEIRA, M. *Na fronteira do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

SAFOUAN, M. *Estruturalismo e psicanálise*. São Paulo: Cultrix, 1978.

_____. *O inconsciente e seu escriba*. Campinas: Papirus, 1987.

SETTINERI, F. F. *Quando falar é tratar: o funcionamento da linguagem nas intervenções do psicanalista*. (Tese). Programa de Pós-Graduação em Letras: Porto Alegre, 2001, 136 fls.

THÁ, F. *Uma semântica para o ato falho*. São Paulo: Annablume, 2001.

ŽIŽEK, Slavoj. *Eles não sabem o que fazem: o sublime objeto da ideologia*. Rio de Janeiro, Zahar, 1992.